



Paulo Coelho

Editorial

Quantas vezes estamos convencidos de coisas que, após um exame sincero, verificamos não serem verdadeiras?

A Bíblia dá-nos o exemplo dos crentes de Beréia, uma pequena comunidade local que o apóstolo Paulo visitou, e diz-nos que estes tinham uma grande preocupação em investigar se o que lhes era ensinado estava de acordo com a Palavra de Deus, a Bíblia.

"E logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Beréia; e eles, chegando lá, foram à sinagoga dos judeus. Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalónica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim". (Actos 17:10-11)

É assustador constatar que muitos que se dizem cristãos e seguidores da Bíblia, estão plenamente influenciados por tradições e conhecimentos que nada têm a ver com os ensinamentos das Escrituras.

A Palavra de Deus faz um apelo dramático ao povo de Deus, para que abandone as tradições humanas que o afastam do verdadeiro louvor e adoração.

"Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição. Os reis da terra se prostituíram com ela. E os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias. E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas". (Apocalipse 18:3-4)

Deus deseja que os seus filhos O adorem em espírito e em verdade, o que implica o conhecimento da Sua vontade e a assimilação do verdadeiro Jesus Cristo para a nossa vida.

"Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade". (João 4:24)

"E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". (João 8:32)

"Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". (João 14:6)

Neste número da revista Compreender expomos claramente um grande número de falsidades que se assumem como verdades em relação a Jesus Cristo e ao seu nascimento.

Como pode Aquele que é a verdade, Ele mesmo, ser o centro de um culto falso e derivado de raízes puramente pagãs?

Estimado leitor, deseja encontrar o verdadeiro Jesus?

Como verá neste número, poderá encontrá-lo revelado na Palavra de Deus, a Bíblia, mas nunca nas tradições humanas em que a falsidade se foi enraizando ao longo de séculos de história da

humanidade.



Paulo Coelho

Qual a verdade Bíblica acerca da altura do ano em que Jesus nasceu

A maioria da cristandade acredita que Jesus, o Messias, nasceu no dia 25 de Dezembro há cerca de 2000 anos atrás.

Se bem que, por vezes, surjam argumentos que põem em causa essa data para o nascimento do Salvador, esse assunto é rapidamente sufocado pela tradição e celebrações familiares e religiosas, sob um fundo de grande avidez material e comercial. No entanto, como iremos ver através dos dados apresentados neste artigo, é impossível que Jesus Cristo tenha nascido em Dezembro, sendo, pelo contrário, muito provável que o Seu nascimento tenha ocorrido no início do Outono, durante a celebração da Festa Bíblica dos Tabernáculos.

I - DADOS CONTRA O NASCIMENTO DE JESUS CRISTO NO INVERNO

Vejamos algumas razões que provam que a data de 25 de Dezembro, ou qualquer outra data próxima desta, é totalmente improvável para esse evento marcante da história da humanidade e da salvação.

a) Razões Climatéricas

a1) Os pastores e os rebanhos

Segundo o relato bíblico, os pastores estavam no campo na altura do nascimento de Jesus, guardando os seus rebanhos durante a noite.

"Ora, havia, naquela mesma comarca, pastores que estavam no campo e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho". (Lucas 2:8)

É reconhecido que nessa altura, em Israel, a temperatura média é de 7°C, podendo mesmo ser inferior e acompanhada de chuva ou mesmo neve por algum dias. Devido a este tempo de Inverno, não é de aceitar que os pastores estivessem com os seus rebanhos no campo durante a noite. A prática da região, desde há vários séculos, é recolher os rebanhos após ou durante o mês de Outubro para os estábulos e aí tratar da sua manutenção. Outro aspecto a ter em conta, é que, no Inverno, não existem pastagens em Israel, pelo que os campos não estão em condições de suprir as necessidades alimentares dos rebanhos.

a2) O Censo

No evangelho de Lucas é descrito que durante o nascimento de Jesus estava a decorrer um censo proclamado pelo império Romano.

"E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse. (Este primeiro alistamento foi feito sendo Cirénio governador da Síria.) E

todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. E subiu da Galileia também José, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de Davi chamada Belém (porque era da casa e família de Davi), a fim de alistar-se com Maria, sua mulher, que estava grávida. E aconteceu que, estando eles ali, se cumpriram os dias em que ela havia de dar à luz. E deu à luz o seu filho primogénito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem". (Lucas 2:1-7)

Por razões práticas - dureza do clima no Inverno - é muito pouco provável que os responsáveis da altura tivessem proclamado a necessidade de um censo no Inverno. Tal seria extremamente impopular e traria dificuldades extremas à necessidade de deslocação dos indivíduos, de forma a cumprirem essa necessidade legal. A altura mais provável para tal ser feito eram os meses de Setembro / Outubro, em que o tempo é ainda agradável e as colheitas estão terminadas.

b) Razões históricas

b1) O ano do nascimento de Jesus

O ano "zero" determinado para o nascimento de Jesus Cristo, decorreu de um cálculo realizado no século VI por um perito, Dionísio, contratado para tal pelo papa João I. Devido a falta de dados e ao uso para tal cálculo de informações derivadas da data de fundação da cidade de Roma, o ano "zero" foi estabelecido erradamente para alguns anos depois do evento que queria determinar.

Não devemos estranhar que muita da tradicional marcação de datas e dias à volta do nascimento de Jesus Cristo esteja à partida condenada por erros históricos e de avaliação.

b2) Dados sobre a celebração do nascimento de Jesus na Igreja dos primeiros tempos

Os dados históricos apontam que a celebração do nascimento de Jesus não foi considerada consistentemente pela Igreja, ao contrário da celebração da sua morte na Páscoa, até ao século IV. Alguns dados apontam para algumas discussões acerca da data de nascimento de Jesus já no final do século II, no entanto, durante cerca de 200 anos a celebração desse nascimento não foi oficializada.

No ano 336 surgiu a primeira descrição do dia 25 de Dezembro, a qual veio a impor-se de forma a contrariar e absorver a festa pagã do "Nascimento do Sol Invencível" (*Natalis Solis Invicti*), uma das principais festas de adoração do Sol celebrada pelo Império Romano. Notemos que esta absorção veio na sequência da progressiva apostasia da Igreja dominante, do domínio que a Igreja de Roma começou a ter em relação às Igrejas do Oriente e da tendência "anti-judaica" que desde cedo se infiltrou na Igreja e que, entre outras alterações contrárias à Palavra de Deus, veio a substituir o Sábado (Shabbat - 7º Dia de celebração do Deus da Bíblia - YHWH) pelo Domingo (dia da adoração do Sol).

Um aspecto interessante é que os cultos pagãos, gregos e egípcios, por exemplo, celebravam o nascimento dos seus deuses; no entanto, esse acto nunca é celebrado para o verdadeiro Deus da Bíblia, pois não tem início nem fim, é verdadeiramente eterno.

Da mesma forma, sendo Jesus Deus (YHWH) encarnado, não faz sentido bíblico celebrar o seu dia de nascimento.

"Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz". (Isaías 9:6)

b3) A afirmação da data de 25 de Dezembro

Conforme já lembramos anteriormente, o dia 25 de Dezembro era para os Romanos o dia de adoração do seu deus principal, o Sol. Anteriormente, já os Persas celebravam no mesmo dia o nascimento do seu deus sol, Mitra, da mesma forma que os Egípcios adoravam a Ra. É claro e admitido por historiadores católicos e protestantes, que existe uma relação entre a escolha do dia 25 de Dezembro e a celebração destas festas pagãs, nomeadamente na tentativa de substituir esses cultos por celebrações ditas cristãs.

II - INDÍCIOS BÍBLICOS DA ÉPOCA DO NASCIMENTO DE JESUS CRISTO

Apesar de termos visto claramente que a data de 25 de Dezembro, ou outra qualquer aproximada, não passa de uma invenção humana com clara relação com cultos pagãos, podemos perguntar se, pela Bíblia, não poderemos saber com alguma certeza a data provável do nascimento de Jesus Cristo.

Vejamos alguns dados importantes.

a) Relação com o nascimento de João Baptista

"Existiu, no tempo de Herodes, rei da Judeia, um sacerdote, chamado Zacarias, da ordem de Abias, e cuja mulher era das filhas de Arão; o nome dela era Isabel. E eram ambos justos perante Deus, vivendo irrepreensivelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. E não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos eram avançados em idade. E aconteceu que, exercendo ele o sacerdócio diante de Deus, na ordem da sua turma, segundo o costume sacerdotal, coube-lhe em sorte entrar no templo do Senhor para oferecer o incenso. E toda a multidão do povo estava fora, orando, à hora do incenso. Então, um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto". (Lucas 1:5-17)

Os sacerdotes estavam separados em 24 turnos, começando no 1º mês do calendário judaico, correspondente a Março / Abril.

"Sobre a primeira turma do mês primeiro estava Jasobeão, filho de Zabdiel; e em sua turma havia vinte e quatro mil". (1 Crónicas 27:2)

Cada turno rodava semanalmente até ao final do 6º mês, repetindo depois a rotação, pelo que podemos concluir que o turno de Zacarias decorria em cada ano duas vezes, além dos períodos da Páscoa / Semana dos Pães Asmos e Festa das Semanas (Pentecostes), em que todos os turnos estavam ao serviço.

A ordem de Abias era a oitava do serviço sacerdotal.

"a sétima, a Haco; a oitava, a Abias" (1 Crónicas 24:10)

Fazendo as contas à ordem de turno de Zacarias e aos 9 meses de gravidez normal, chegamos à conclusão que João Baptista poderá ter nascido em Março ou Setembro, atendendo a que a Bíblia não nos diz se o anúncio ocorreu no 1º ou no 2º turno de Zacarias.

Assumindo que Zacarias estaria no seu 1º turno, a data do nascimento de João Baptista calharia na altura do dia 15 de Nissan, a Páscoa.

Curiosamente, existe uma tradição judaica de que Elias voltaria no dia 15 de Nissan, sendo usual, mesmo hoje, deixar uma cadeira vazia na altura da celebração da Páscoa para o regresso do profeta.

"Eis que eu envio o meu anjo, que preparará o caminho diante de mim; e, de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o anjo do concerto, a quem vós desejais; eis que vem, diz o SENHOR dos Exércitos". (Malaquias 3:1)

"Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição". (Malaquias 4:5-6)

Notemos que no texto de Lucas 15 é dito que o "espírito e virtude de Elias" (v17) estariam com João Baptista. Na verdade, podemos afirmar com alguma segurança que esta palavra se cumpriu verdadeiramente na Páscoa.

Vejamos o resto do que nos conta Lucas.

"E, no sexto mês, foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus, E eis que em teu ventre conceberás, e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu Reino não terá fim. E disse Maria ao anjo: Como se fará isso, visto que não conheço varão? E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus. E eis que também Isabel, tua prima, concebeu um filho em sua velhice; e é este o sexto mês para aquela que era chamada estéril". (Lucas 1:26-36)

Lucas refere que Isabel tinha seis meses de gravidez quando o anjo Gabriel fez o anúncio a Maria, mãe de Jesus. Fazendo a contagem dos dias normais de gravidez, chegamos à conclusão que existe uma elevada probabilidade de Jesus ter nascido durante o período da Festa dos Tabernáculos, um período de regozijo e de grande alegria.

b) O Nascimento de Jesus Cristo e a Festa dos Tabernáculos

Existem fortes razões para aceitarmos que o nascimento de Jesus terá ocorrido em Setembro / Outubro durante a celebração da Festa dos Tabernáculos.

Essa constatação é reforçada por mais alguns aspectos relacionados com a Palavra de Deus, pois existem claras conexões entre Jesus Cristo e a simbologia desta festa bíblica.

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade". (João 1:14)

O termo "habitou" tem uma clara relação com a habitação que dá o nome à festa, o tabernáculo ("habitação"). Essa relação é clara para diversos estudiosos, nomeadamente pelo uso do verbo grego *skenoo*, o qual significa algo como "acampar", para usarmos um termo mais compreensível.

Caso Jesus tenha nascido no primeiro dia da Festa dos Tabernáculos, então o acto da sua circuncisão ocorreu no "8º dia", um dia também extremamente importante no contexto das celebrações anuais do calendário divino.

A Festa dos Tabernáculos é designada como a festa "da alegria e das nações". Isso relaciona-se perfeitamente com o anúncio feito pelo anjo acerca do nascimento de Jesus.

"E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo". (Lucas 2:10)

Sendo uma Festa de alegria, na Festa dos Tabernáculos a luz é posta em grande evidência, da mesma forma Jesus é a luz do mundo e das nações.

"Houve um homem enviado de Deus, cujo nome era João. Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz. Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo". (João 1:6-9)

A Palavra de Deus diz-nos que alguns homens sábios, popularmente e actualmente designados por "magos" (do grego - *magoi* - que significa sábio), vieram do Oriente para louvar o Messias. Esses homens eram certamente conhecedores da astronomia, ciência desenvolvida no Oriente. Sobre a sua identidade e missão, aconselhamos a leitura do artigo publicado nesta mesma revista e que desenvolve este tema. Existe um período do ano onde os judeus têm uma especial atenção à observação das estrelas, esse período é a Festa dos Tabernáculos.

III - CONCLUSÃO

Apresentámos neste artigo provas que consideramos importantes e robustas para compreendermos que a tradição da celebração do nascimento de Jesus em 25 de Dezembro não tem qualquer fundamento e contraria a Palavra de Deus.

Essa celebração tradicional não é mais do que um acto de louvor e adoração a símbolos puramente pagãos como o Sol. Desde sempre Deus desejou libertar o seu Povo dos cultos pagãos e das misturas religiosas que apenas sujam e conspurcam o relacionamento do ser humano com o Deus único e criador, o Deus da Bíblia, YHWY.

Apesar de não sabermos com toda a certeza o dia certo em que Jesus nasceu, existem fortes evidências bíblicas de que tal terá ocorrido durante a Festa dos Tabernáculos, provavelmente no primeiro dia desta celebração.

Rui Quinta

Os Três(?) Reis(?) Magos(!)

Efectivamente o título deste artigo suscita mais interrogações do que certezas. Quem eram estes homens que vieram do Oriente honrar aquele que era nascido Rei dos Judeus? De onde vieram eles? O que era um 'Mago'? Qual a sua posição social? Eram reis? Eram três? Quais eram os seus nomes? Estas são apenas algumas das interrogações que podemos levantar ao falar destes personagens que desde a nossa meninice fazem parte do nosso imaginário colectivo.

Diz a tradição que eram três reis que vieram do Oriente e que os seus nomes seriam Gaspar, Melchior e Baltazar. Diz ainda a tradição que dois seriam brancos, um seria preto e que visitaram o Messias recém-nascido num estábulo rodeado de animais e na presença de alguns pastores. Esta é a imagem popular que vemos todos os anos representada em presépios^[1] um pouco por todo o lado.

Porém aquilo que as Escrituras (A Bíblia) efectivamente nos dizem acerca destes homens é muito pouco.

"E, tendo nascido Jesus em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo." (Mateus 2:1-2)

"E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra." (Mateus 2:11)

Isto é tudo quanto legitimamente se pode afirmar que as Escrituras nos dizem acerca deles.

Não sabemos o seu número (apenas que eram vários), os seus nomes, a sua cor de pele e nem as Escrituras nos dizem em lado algum que eram reis.

Sabemos que eram magos provenientes do Oriente que vinham honrar o Rei dos Judeus, que traziam ofertas de grande valor e que tinham avistado uma estrela. Sabemos ainda que encontraram o menino^[2] numa casa (não num estábulo) e apenas na presença de sua mãe o que sugere que a sua visita não se realizou no dia do nascimento, nem na presença dos pastores. Com base apenas no relato bíblico, nada mais se pode, em boa consciência, afirmar acerca da identidade destes homens.

Fazendo referência à história e a outras fontes académicas é possível, no entanto, saber muito mais acerca deles.

Em primeiro lugar há que identificar a terra do Oriente de onde estes homens partiram. À partida isto pode parecer difícil senão impossível uma vez que a Oriente da Judeia havia muitas mais terras. A Palavra de Deus, no entanto, é bem explícita quando se refere à Terra do Oriente.

Em primeiro lugar há que referir que em 586 a.C. o império Babilónico invade o reino de Judá, destrói o Templo e leva a população em cativo para Babilónia de onde apenas uma pequena parte regressaria com Esdras e Neemias em 520 a.C. Por esta razão, é ainda em Babilónia que

vamos encontrar a maior comunidade judaica no século I da nossa era (ao tempo do Cristo). Para além disto, a Palavra de Deus claramente identifica³[3] a terra do Oriente como a terra para além do Eufrates – toda a Mesopotâmia.

É assim bastante evidente que estes homens seriam provenientes do território do antigo império Babilónico, então império Persa na altura do nascimento do Messias. Mas quem eram eles? Sabemos que seguiam uma estrela e sabemos também que sabiam qual o sinal celeste que indicaria o nascimento do Messias, algo que aparentemente nem os rabinos em Jerusalém saberiam⁴[4] ou eles próprios o teriam identificado. A Palavra de Deus dá-nos uma pista bastante forte:

"Então o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitas e grandes dádivas, e o pôs por governador de toda a província de Babilónia, como também o fez chefe dos governadores sobre todos os sábios [‘chakiym’ ou sábio/caldeu/mago] de Babilónia.” (Daniel 2:48)

O rei fez Daniel chefe dos sábios caldeus de Babilónia. Ora a palavra ‘chakiym’ de acordo com o dicionário bíblico Brown-Driver-Briggs (BDB) significa um homem sábio de Babilónia e é usada para designar um caldeu ou, e isto é particularmente relevante, um mago. Muita literatura actual faz destes caldeus e/ou magos, astrólogos babilónicos seguidores do zoroastrianismo mas, como veremos de seguida, tal não é exacto. Existia já à data uma clara distinção entre astrologia (uma religião pagã) e astronomia (uma ciência). Se tal não fosse o caso, veríamos Daniel, profeta do Deus Altíssimo a chefiar um grupo de astrólogos pagãos, o que seria impensável. O próprio Daniel nos mostra que há uma clara distinção:

"Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, grande ou dominador, que requeira coisas semelhantes de algum mago [‘Kartom’], ou astrólogo [‘Ashshaf’], ou caldeu [‘Kasday’] [‘.” (Daniel 2:10)

Esta tradução (JFA) bem como as da Bíblia de Jerusalém e da versão em Português Corrente, não estão correctas. Várias versões inglesas traduzem ‘kartom’ por mágico e não por mago e essa sim, é a tradução correcta. Uma palavra não é sinónima da outra apesar de terem raízes comuns. Vejamos o que nos diz o dicionário BDB:

‘Kartom’⁵[5] – mágico ou mágico-astrólogo.

‘Ashshaf’ – feiticeiro ou necromante.

‘Kasday’ – 1) habitantes da Caldeia; 2) as pessoas consideradas mais sábias.

Vistas estas definições, a passagem acima transcrita deveria ser traduzida da seguinte forma:

"Responderam os caldeus na presença do rei, e disseram: Não há ninguém sobre a terra que possa declarar a palavra ao rei; pois nenhum rei há, grande ou dominador, que requeira coisas semelhantes de algum astrólogo [‘Kartom’], ou feiticeiro [‘ashshaf’], ou sábio/mago [‘kasday’] [‘.” (Daniel 2:10)

Contrariamente ao que diz muita literatura actual, Daniel faz uma clara distinção entre estas três classes de pessoas e sabemos que ele foi feito chefe dos caldeus/magos e não dos astrólogos ou dos feiticeiros o que seria uma abominação para Deus (YHWH).

Wayne Atchinson em "The Observed Calendar of the Second Temple Era" diz-nos o seguinte relativamente ao livro de Daniel:

"Os Caldeus foram listados separadamente dos feiticeiros e dos astrólogos. Eram grupos distintos de pessoas. Os astrónomos eram Caldeus e detinham o estatuto social mais elevado."

Já no Séc. I d.C. o historiador grego Estrabão, corrobora escrevendo:

"Em Babilónia existe uma localidade separada para os astrónomos locais, os Caldeus, como são chamados, que se ocupam principalmente da astronomia; mas alguns deles, que não têm a aprovação dos demais, professam ser astrólogos."

Isto prova que a maior parte da literatura actual que procura fazer dos magos astrólogos, está errada. Os astrónomos é que eram considerados magos ou sábios caldeus. Os astrólogos, em contrapartida, que poderiam ou não ser também caldeus, tinham um estatuto social mais baixo sendo mesmo desprezados pelos demais. Isto revela que os magos caldeus que foram adorar o Messias pertenciam a uma classe social elevada. Aos magos, como astrónomos, cabia a determinação do calendário e o seu estatuto permitia-lhes governar extensos territórios dentro do império Persa (Séc. I d.C.).

Num outro texto Estrabão revela ainda o nível social deste grupo:

"...o Concelho dos Partas... consistia em dois grupos, um o dos familiares, e o outro o dos sábios e magos, de quais grupos os reis [da Partia] eram designados."

Rawlinson em "The Sixth Oriental Monarchy" diz-nos ainda:

"[Os Magos] eram um corpo poderoso que consistia numa hierarquia organizada que vinha já desde tempos antigos e era temida e venerada por todas as classes de pessoas. Os seus números já no final do império e contando apenas varões, são estimados em 80.000; possuíam extensões consideráveis de terra fértil e eram os habitantes exclusivos de muitas grandes cidades e aldeias as quais lhes eram permitidas governar a seu belo prazer."

Se conciliarmos o estatuto social destes homens dentro do império Persa com as tensões que existiam no Séc. I d.C. entre esse império e o império Romano, facilmente se compreende que uma caravana, provavelmente extensa, destes homens a entrar em Jerusalém, lhes tenha granjeado de imediato uma audiência com o Rei Herodes, o que certamente não acontecia a qualquer um.

O já citado Wayne Atchinson em "The Observed Calendar of the Second Temple Era" diz-nos ainda:

"Os Caldeus... eram suficientemente poderosos para governar território como a Síria. Portanto, a confusão [dos Magos serem astrólogos] é esclarecida ao combinar duas rimas do mesmo paradigma: 'Todos os Magos são Caldeus mas nem todos os Caldeus são Magos' e 'Todos os Magos praticam astronomia mas nem todos os astrónomos praticam astrologia'....

"A evidência demonstra que alguns Magos eram astrónomos altamente estimados, que possuíam a sua própria terra e que rejeitavam abertamente os astrólogos, ao passo que outros

Magos eram sacerdotes astrólogos⁶[6]. Eram os Magos-astrónomos que constituíam a classe social mais elevada e os Magos-Astrólogos que eram socialmente marginalizados. Foi um grupo pertencente à classe social mais elevada dos Magos-Astrónomos que viajou para adorar Yahshua [*Jesus*] como rei dos Judeus....

“É verdade que hoje toda a gente é ensinada a associar o Zodíaco e a astronomia antiga com astrologia. Assume-se que o astrónomo babilónico era, na realidade, um astrólogo... estes ensinamentos estão errados... A ciência da astronomia nada tem a ver com astrologia mas os astrólogos precisam de usar a ciência da astronomia para praticarem a sua religião. O que não é verdade é que a... astrologia tenha inventado o Zodíaco com as suas doze constelações, ou que a astrologia tenha alguma vez sido sancionada como legítima por aqueles que praticam astronomia. As culturas antigas sempre fizeram distinção entre astronomia como ciência e astrologia como religião.”

Estes magos eram então astrónomos caldeus provenientes da Babilónia ou Pérsia. É mesmo possível que alguns ou mesmo todos fossem rabinos judaicos no entanto, tal não é necessário para explicar o seu conhecimento das profecias uma vez que estes homens seriam descendentes do mesmo grupo de magos séculos antes chefiados pelo profeta Daniel. Adicionalmente, a Babilónia servia naquela altura de morada à maior comunidade judaica do mundo (os descendentes de uma grande parte dos que foram levados cativos para Babilónia no tempo de Nabucodonozor e que não regressaram à sua pátria no tempo de Dário, o Rei Persa que permitiu a saída do povo para a reconstrução do Templo em Jerusalém sob as ordens de Esdras e Neemias). Logo é perfeitamente possível que as Escrituras hebraicas fossem amplamente conhecidas. É no entanto pouco provável que fossem rabinos judeus uma vez que desconheciam a profecia de Miqueias segundo a qual o Messias nasceria em Belém. É nesta qualidade de astrónomos liderados no passado por um profeta que profetizou acerca da vinda do Messias que eles sabiam o que esperar em termos de sinais celestes da vinda do mesmo. Esta é a única explicação viável uma vez que as Escrituras não nos descrevem que sinais seriam esses. O que sabemos das Escrituras é:

"E disse Deus: Haja luminares na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos." (Génesis 1:14)

O próprio facto dos magos serem astrónomos aponta para uma explicação da estrela no campo da astronomia pois fosse o que fosse que eles viram, viram-no quando estudavam os astros no decorrer da sua ocupação habitual. Fosse a 'estrela' o que fosse teria de ser algo que um astrónomo consciente das profecias messiânicas e de um sinal específico respeitante ao Messias soubesse identificar mas que ao mesmo tempo fosse suficientemente vago por forma a passar despercebido ao cidadão comum e a não identificar facilmente a criança – Jesus – aos olhos dos seus inimigos.

Depois de tudo isto, creio que ficámos já com uma muito melhor ideia acerca da identidade, ocupação e estatuto social destes homens. Com base em tudo o que vimos é perfeitamente evidente que nos é impossível fazer quaisquer afirmações quanto aos seus nomes e cor de pele. Sabemos também que não seriam reis embora pudessem pertencer facilmente à família real Persa. Quanto ao seu número, também o não sabemos embora seja seguro que devido ao seu estatuto e às riquezas que transportavam consigo, viajassem numa extensa caravana. É provável que a assunção de que seriam três tenha derivado do número de presentes oferecidos – ouro, incenso e mirra – mas isso, só por si, nada nos permite concluir quanto ao seu número.

[1] Celebração iniciada por "S.Francisco de Assis"

[2] A palavra "*Paidion*" em Mateus 2:11-12 sugere uma criança jovem mas já não recém nascida enquanto que "*Brefos*" empregue em Lucas 2:16 na narrativa do nascimento sugere recém-nascido.

[3] Gén.29:1; Juiz.6:3; 1Reis 4:30; Job 1:3

[4] Apesar de saberem por outros indícios e profecias que estavam cumpridos os tempos.

[5] Está provavelmente na origem da palavra 'cartomante'.

[6] Não estamos inteiramente de acordo com esta afirmação uma vez que, no nosso entender, a evidência já apresentada demonstra que o termo Mago/Sábio não se aplicava aos astrólogos mas sim aos astrónomos. Seria mais correcto chamar-lhes Caldeus-Astrólogos.



Vitor Quinta

O "Natal" e os símbolos pagãos que lhe estão associados

1. Introdução

Começamos por assinalar que a celebração do chamado "Natal" é desde há muito tempo reconhecida como tendo origem em celebrações pagãs associadas a cultos a outros "deuses" e que a igreja católica romana "cristianizou", particularmente a partir do Séc. IV, sob a vigência de Constantino. O primeiro documento que lhe faz referência é datado do ano 324 d.C.. Porém, este culto ao "deus-sol" já era realizado no tempo do Imperador Aureliano (270 a 275 d.C.). Em 274 Aureliano declarou o sol como "deus" chamando-lhe "*Deus Sol Invictus*", Mitras o "deus" oficial do Império Romano.

Depois disto, este dia foi oficialmente reconhecido como um dia feriado no reinado do Imperador Justiniano (527 a 565 d.C.): "*Dies Natalis Invictus*", que correspondia ao último dia das festividades pagãs da Saturnália (festas em honra do "deus" Saturno). Neste dia a que corresponde também o solstício de Inverno, celebrava-se o nascimento do "deus-sol". A estes festivais pagãos andou sempre associado também o culto à "deusa do céu", que hoje se encontra espalhado pelo mundo no culto a Maria.

Este "deus-sol" é cultuado desde tempos imemoriais, milhares de anos antes de Cristo, entre vários povos e zonas geográficas do mundo sob vários outros nomes, mas sempre em honra do astro-rei: Osíris, Hórus, Hercules, Baco, Adónis, Júpiter, Tamuz e outros, todos eles com origem em Babilónia, centrado no culto a Nimrod, grande opositor de YHWH, o qual era bisneto de Noé (Noé gerou a Cão, este gerou a Cush, e Cush gerou a Nimrod).

Este facto histórico é reconhecido por inúmeros historiadores e outros estudiosos, podendo ser confirmado em qualquer enciclopédia, incluindo a Enciclopédia Católica. Segundo a pesquisa que efectuámos para este trabalho, nesta enciclopédia, em: "New Advent" (<http://www.newadvent.org/cathen/03724b.htm>), podemos ler:

- Ø Origem da palavra "Natal" (do latim *Dies Natalis* e do inglês *Christmas*): *Christ Mass* ou Missa de Cristo, foi primeiro fundada no ano 1038 e depois confirmada em 1131.
- Ø O "Natal" não se encontrava entre os festivais celebrados pelo povo de Deus dos primeiros séculos da era Cristã, tanto assim que Ireneu e Tertuliano não o incluem entre estas festividades.
- Ø Orígenes, por exemplo, assinala que a *Natalitia*, festividade desacreditada e na qual, segundo as Escrituras, só os gentios celebravam a festividade do seu nascimento, não os santos.
- Ø Arnobius ridicularizava a celebração das datas "de nascimento" dos deuses.

No mesmo *site* encontramos ainda outras referências interessantes e que aqui apresentamos resumidamente:

- Ø Clemente de Alexandria indica que alguns teólogos egípcios assinalam não somente o ano e mês do nascimento do Cristo: ano 28 do reinado do Imperador Augusto, no mês nono.
- Ø Outros, como Cipriano, apontam o nascimento do Cristo em 28 de Março por ser esse o dia em que se crê YHWH tenha criado o astro que nos ilumina – o Sol.
- Ø Reconhecimento de que o censo mandado fazer pelas autoridades romanas não poderia ter tido lugar no Inverno,

e muitas mais poderiam aqui ser citadas com posições contraditórias entre si.

Uma coisa parece ser certa, porém: em Jerusalém, mesmo no séc. IV d.C. não havia qualquer celebração no dia correspondente ao 25 de Dezembro. Porém, em Roma, através do Calendário Philocaliano, compilado no ano 354 (já depois do Concílio de Niceia), o dia 25 de Dezembro está marcado como "*Natalis Invictus*", numa clara referência à celebração pagã do "*Natalis Solis Invictus*", uma celebração ao "deus sol", e sua fusão com o Mitraísmo que nesse dia celebrava "Mitra", o "deus-sol", coincidente com a celebração do solstício de Inverno em muitas partes do mundo antigo.

A transposição de uma celebração pagã ao "deus-sol" para a "cristianização" desta festividade foi um passo muito curto. Esta tendência manifestou-se não só nesta festividade pagã, contrária à vontade de YHWH, como em muitas outras que são uma abominação perante a face do Senhor, como sejam, por exemplo, a criação de imagens de "santos", "cristianizando" os nomes de antigos "deuses" adorados em várias partes do Império Romano e cujas práticas de culto foram trazidas para o seio de uma igreja que apostatou da verdade – Roma.

Não nos vamos alongar mais nesta questão uma vez que esta reflexão já é também objecto da nossa atenção noutros artigos inseridos neste número da Compreender.

Assim, iremos passar de seguida à análise dos principais símbolos que a sociedade e o "cristianismo" do nosso tempo exterioriza por volta do 25 de Dezembro, procurando compreender a sua origem e significado que, como iremos demonstrar, nada têm de cristão, nada reflectem do nascimento do Messias Jesus, nem sequer têm alguma coisa a ver com a chamada "festa da família" cristã.

No entanto, temos que ter presente que estão errados aqueles que julgam honrar a Deus no respeito pelos dias criados pelo homem ou no uso de símbolos (pagãos), pois não podem, de maneira nenhuma, estar a honrar o Deus Criador através de símbolos que foram criados para honrar deuses feitos pela mão dos homens, o que é expressamente proibido nas Escrituras (***Deuterónimo 12:30-31***). Israel caiu neste erro e a humanidade continua a cair nele também. Cultuam a "deuses" estranhos e depois querem estar na graça do Deus YHWH – ***Jeremias 7:9-10***. Tomemos como exemplos a celebração do "Natal" ou o uso da cruz entre muitos outros.

Apesar de parecer inocente aos olhos do ignorante, o que conhece a verdade de Deus não pode honrá-Lo através de símbolos que foram criados para cultuar a Baal, Mitra, Moloque, Tamuz ou Zeus (expressões diferentes no tempo e no espaço de cultos pagãos ao deus-sol, originado em Nimrod – Babilónia), porque certamente não estaremos a cumprir a vontade de Deus, YHWH.

Muitas igrejas do "cristianismo" dos nossos dias e muitíssimas famílias continuam a celebrar o 25 de Dezembro sem saberem que estão a celebrar uma data oriunda do paganismo em que se celebrava o nascimento do "deus-sol" Tammuz, Mitra, Zeus, etc.. Os homens de hoje cresceram no entendimento de que as mentiras são verdades porque a Igreja deixou-se infiltrar, adoptou o paganismo e perverteu a verdade, nada fazendo para sair desta Babilónia espiritual em que o diabo os encerrou a todos.

A verdade é que a Bíblia Sagrada não nos instrui a celebrar o "Natal" ou o dia 25 de Dezembro. Só o mundo pagão celebrava este dia antes de Cristo e continua hoje a fazê-lo.

2. Símbolos pagãos mais comuns associados ao "natal", sua origem e significado

<i>Símbolos mais correntes</i>	<i>Origens Históricas</i>	<i>Significados atribuídos</i>	<i>"deuses" cultuados através deles</i>
O presépio	Cena representada pela 1ª vez em 1223 por Francisco de Assis	A cena apresenta o menino no berço com o boi e o jumento, o que é uma interpretação errada de Isaías 1:3	Em Delfos celebravam uma cena semelhante em honra de <i>Dionysus (Baco)</i> ou de épocas mais remotas <i>Nimrod</i> , um opositor de Deus (em Babilónia)
Os "reis magos" e a estrela que os guiou	Os "reis magos" são explicados noutro artigo desta revista.	Forma de culto ao Salvador Jesus, Filho do Deus Altíssimo. Neste	Esta forma de culto distorce o culto ao Deus verdadeiro, invisível, que é Espírito e que quer ser

		tipo de quadros estão igualmente representados os "reis magos" ou homens sábios que vieram do Oriente a adorar o Salvador	adorado em espírito e em verdade
A árvore de "natal", o azevinho e outros ornamentos arvenses	O azevinho aparece no sec. XIII em Inglaterra, na França. Nos países do Norte da Europa celebra-se a árvore. A 1ª árvore de "natal" aparece mencionada em 1605 em Estrasburgo e só é introduzida em Inglaterra e França em 1840 pelos Príncipes de Mecklenburgo. Atribui-se a Martinho Lutero a colocação de luzes (velas) na árvore.	Símbolo de fertilidade da terra e prosperidade	Adoptado pelos druidas celtas e pelos povos nórdicos no culto aos seus "deuses" pagãos, homenagem centrada no culto das árvores
Os cânticos e hinos	Os chamados cânticos de "natal" surgiram entre os sec. XI a XIII, no que é hoje a Alemanha e a Áustria e continuaram pelos séculos seguintes	Esses cânticos e hinos celebravam o nascimento do Cristo, principalmente na sua condição infantil	Embora os cânticos tenham sido compostos em honra a Jesus, a sua associação a um culto pagão tornam a sua natureza igualmente pagã.
A tradição da troca de presentes e "boas festas"	Costume pagão centrado na entrada do ano romano – 1 de Janeiro e que foi transposto para o "Natal"	Cartões de "boas festas" e trocas de presentes são mais uma exteriorização das celebrações associadas a este dia que surgiram	

		a partir do Sec. XV.	
O "pai natal"	"S.Nicolau", homem santo que viveu no sec. IV no território da Turquia e que fazia muito bem aos pobres. Foi um dos bispos delegados ao Concílio de Niceia no ano 325. Tornaram-no patrono de alguns países: Rússia, Grécia e Sicília.	Culto a "S.Nicolau". Qualquer que fosse o significado anterior, a Coca Cola popularizou a figura do "pai natal" vestindo-o com as cores da Coca Cola a partir de 1931, o que foi um grande êxito publicitário para a bebida	Alguns sites católicos visitados chegam ao ponto de associar, <u>por analogia</u> , o "pai natal" ao Pai dos céus, o que é realmente uma blasfémia (vidé: www.biblia.com/christmas/santa.htm)

Em Inglaterra, o Parlamento proibiu a celebração destas festividades pagãs em 1644 mas, aos poucos, esta tradição pagã foi sendo recuperada. Naquele tempo a lei inglesa impôs que as lojas e os mercados estivessem abertos e os pudins de "natal" foram proibidos por serem "pagãos". Esta imposição teve séria resistência tendo sido derramado sangue em Canterbury.

Os primeiros colonos da América baniram qualquer tipo de festividade ligada ao "Natal" por a considerarem pagã, chegando a ser banido por lei no Estado de Massachussets. Porém, com a crescente penetração de populações ligadas ao culto católico romano, principalmente os oriundos da Irlanda, esse costume pagão foi-se enraizando cada vez mais.

Que a chamada época natalícia possa fazer nascer o verdadeiro Jesus, o Cristo, não em representações como o mundo as faz, mas que Ele possa nascer verdadeiramente nos nossos corações.



Manuel Santos

Que ricas prendas

A origem da troca de presentes no *natal* crê-se que remonta ao tempo dos druidas nórdicos, embora essa tradição tenha sido generalizada por Rómulo, quando em 744 aC ofereceu ao rei sabino Tácio, que havia associado ao seu reinado, uns ramos cortados de árvores de fruto e verbena, do bosque de Estrenia (deusa da saúde), como presságio de um ano feliz. Os ramos de verbena ornamentavam o templo de Júpiter e daqui derivou o termo *estrenae* (presentes de

saúde), que eram oferecidos por ocasião do final do ano, como felizes votos, que acompanhavam a troca de outros ramos sagrados e diversos presentes. No começo limitaram-se a trocar frutos, mel e bolos; porque estas coisas tinham relação com a doçura dos cumprimentos; mas a pouco e pouco os brindes tomaram um valor material, tornando-se verdadeiros tributos, por vezes bastante caros. Conservou-se assim o costume de fazer troca de objectos simbólicos, vulgarmente medalhões, onde se lia o voto tradicional: *Que o novo ano seja feliz para ti*. Também se ofereciam lâmpadas de argila adornadas de figuras emblemáticas com o enunciado do voto de felicidades. Tibério, mais tarde, proibiu estes costumes; mas Calígula voltou a impô-lo, chegando ao ponto de mandar construir um edifício para receber todos os presentes que lhe eram oferecidos.

No calendário romano o ano finalizava com a celebração das festas saturninas, no dia 17 de Dezembro, quando os cereais armazenados eram dados ao povo como oferta. Então, durante oito dias, realizava-se uma série de cerimónias que incluíam diversos rituais, nomeadamente os banhos aromáticos de purificação e, antes da aurora, a troca de presentes. Este costume tinha por finalidade desejar sorte aos amigos e familiares. Também era feito um banquete, em que os senhores serviam os seus escravos e compartilhavam com eles a refeição.

Os persas também tinham o costume de se felicitem com presentes, para comemorar o nascimento do deus Mitra, *o sol invencível*. E isto ocorria precisamente no dia 25 de Dezembro. A troca de ofertas e presentes era feita com o máximo cuidado, de modo a todas serem escolhidas para atrair a boa sorte durante o ano que entrava.

Ainda hoje – embora alguns o ignorem – se segue esta tradição, para desejar sorte e prosperidade aos outros e requerê-la para si mesmo, fiado no princípio de que *quem dá, recebe*. Os presentes de bom augúrio são, por exemplo, os animais exóticos, os espelhos trabalhados, as moedas furadas, livros didácticos e obras de arte, desde que não sejam de gesso. Os de mau agouro são: armas, mesmo que sejam réplicas, pérolas, corta-papéis, lençóis, lenços e mantas. Os conhecedores desta matéria, ainda hoje seguem estes princípios religiosamente quando entram nas lojas para comprarem os seus presentes de natal.

A igreja do quarto século conseguiu airosoamente transferir o costume pagão de dar presentes, por altura das festas saturnais romanas, para as suas festas natalícias, baseada no episódio das oferendas dos magos ao menino Jesus. Mas esse dado bíblico não justifica de modo nenhum esse costume ritual, visto que ele tem um alcance e significado muito diferentes daquele que lhe atribuem.

O natal não era reconhecido entre as primeiras festas da igreja. Os primeiros indícios da celebração provêm do Egipto. Os costumes pagãos ocorridos durante as calendas de Janeiro, lentamente modificaram-se na festa do natal. (Enciclopédia Católica, edição 1911).

A troca de presentes entre amigos é característica tanto do natal como da saturnália e deve ter sido adoptada do mundo pagão pelos cristãos, como plenamente mostra a admoestação de Tertuliano. (Biblioteca Sacra, vol.12, pág.153).

Ironicamente, a festa que os cristãos agora se queixam de que foi absorvida pelo comercialismo, tem as suas raízes numa festividade pagã que foi adoptada pela cristandade. (The Chicago Tribune. Dezembro 1992).

Em vez de combater as festas pagãs, a cristandade decidiu participar nelas, tentando substituí-las. As festas pagãs, substituídas pela cristandade, foram as celebrações romanas das saturnais que incluíam uma desenfreada troca de presentes, deixando as suas reminiscências mais tarde, nas festas de Yule (natal), na Inglaterra e na Alemanha. Estas celebrações foram banidas por algum tempo pelos puritanos, na Inglaterra e na Alemanha, em meados do século 19; mas alguns anos mais tarde os líderes religiosos acolheram bem uma revitalização do comercialismo, pela troca de presentes no natal. (Russell Belk. Professor da Universidade do Utah).

O comercialismo do natal está levando as pessoas ao colapso nervoso, adorando a ganância e a insensatez da festa do natal. As dívidas por cartão de crédito deixam as pessoas num estado

miserável. Depois do natal as pessoas caem em desespero e surgem muitos conflitos domésticos, devido aos gastos descontrolados e a situações de penúria por isso causados. (David Jenkins. Bispo anglicano).

Os japoneses deixaram de lado toda a fachada religiosa e transformaram o natal num empreendimento estritamente comercial. O natal no Japão é uma intensa celebração que dá grande importância ao comercialismo e pouca importância ao aspecto religioso. Na China passa-se o mesmo. O aproveitamento comercial da época natalícia tem destes absurdos e torna cristão quem está longe de o ser. Em Hong Kong as ruas da cidade carregam-se de iluminação alusiva à quadra, expondo a história do nascimento de Cristo por cima de cada estabelecimento comercial, com os desejos de bom natal; onde apenas dez por cento da população é supostamente cristã. No entanto o dia 25 de Dezembro é feriado e todos trocam prendas. (Diário de Notícias).

Há quem proclame que o dinheiro não chega para nada e que as pessoas, nas festas de natal, só andam pelas ruas para ver gratuitamente as montras. A verdade é que as multidões que encham durante muitos dias as praças e ruas, compram muito; até compram demasiado. Enchem as lojas e compram, peças caríssimas, bagatelas quase inúteis; só numa loja de moda, em dois dias, esgotaram-se centenas de pares de luvas. Em várias perfumarias, os perfumes e águas-de-colónia venderam-se como nunca. Três dias antes do natal já se tinham esgotado os perfumes mais caros. Não há dinheiro? Há gente que tem muito dinheiro, que tem dinheiro a mais; que está a enriquecer depressa e por isso gasta, compra tudo. Quem apregoa que nas vésperas de natal as pessoas só passeiam, são os que estão carregados de dinheiro e querem iludir os outros. (Diário Popular).

A carga festiva que acompanha o espírito do natal provoca um mal-estar generalizado derivado da tensão que provocam as compras, a luta contra o tempo, o trânsito caótico e as enchentes nas lojas. (Guia).

O período do natal é geralmente propício aos aumentos dos preços dos bens essenciais, porque os consumidores dispõem de bolsas mais recheadas do que nos restantes meses do ano. (O Jornal. Dezembro de 1986).

Os ventos de crise que se têm feito sentir desde 2002 têm reduzido o poder de compra dos portugueses. Naturalmente que essa crise tem afectado os consumidores, reflectindo-se essencialmente nas compras. A quadra natalícia deixa muito desanimados tanto os comerciantes como os consumidores que não podem satisfazer as suas necessidades consumistas. O mês de Dezembro de 2002 registou uma quebra das compras na ordem dos 40%, comparativamente com igual período do ano passado. (Nova Gente).

Não é necessário fazer uma análise muito exaustiva sobre esta quadra festiva, para perceber que o espírito que move as pessoas a teimarem ainda nestas celebrações, não é o Espírito de Deus seguramente. Mesmo correndo o risco de ser considerado fanático ou herege, poderemos até afirmar que o espírito, que motiva estes costumes e ritos, é o do demónio.

Aquilo que supostamente poderia ser o espírito de fraternidade e boa-vontade, nascido do 25 de Dezembro, tornou-se no distintivo da hipocrisia, da perdulariedade e do materialismo.

Os sentimentos que originaram as trocas de presentes natalícios, mesmo os mais remotos, estão ligados à adoração de falsos deuses e aos sortilégios pagãos e idólatras que enxamearam a história da humanidade.

O fútil é pecado; ser perdulário é pecado; gastar os nossos recursos em coisas que não trazem vantagem mesmo para quem recebe presentes, desagrada a Deus muitíssimo. Há que ter então cuidado como gastamos o nosso dinheiro e o proveito que ele possa ter para quem tem necessidades. A troca de presentes no *natal*, só tem vantagens para os comerciantes, quantas vezes sem escrúpulos. O endividamento das pessoas e, por consequência, das famílias, por altura do *natal*, é um pecado do qual um dia muitos irão dar contas.



Manuel Santos

Sunday's god

Sun day's god
Natalis solis invictus
Nascimento do deus sol
A invencível tradição
O deus que nasce
e morre
e renasce
Deus do dia do sol
Natal
tradição que se encrespa
Deus tradicional
invenção humana
Tradição que não esmorece
por tão infernal
Que não se vence
que não acaba
por tão enraizada
Deus do *sunday*
Dominicus solis natalis
Invicto
renascente
implantado
até ao dia do

Só Uma Vez Por Ano

Passei na Rua do Ouro
faltava um mês para o Natal
E como costume anual
estavam-na embelezando
com arcos
luzes
cartazes
Para assim se preparar
o ambiente festivo

Tudo aquilo para lembrar
o nascimento do Rei da eterna fraternidade
A paz e o amor lembrando
O tema celestial
de afecto e boa-vontade

Tudo aquilo a relembrar

o que lembrou o Senhor
movido por seu amor
há muitos séculos atrás

E essa fé milenar
estava ali a ser montada
em vãs estruturas
metal
arco
lâmpada e cartaz
Como quimera falaz
que me fez interrogar:

Durante um ano inteirinho
toda essa luz onde estava ?
E a pompa espectacular
a lembrar fraternidade ?
Amor ?
Paz ?

Só amargura e pesar !

Rui Quinta

Os "Mistérios" das vindas do Messias

Existem várias profecias bíblicas, das quais talvez a mais relevante neste aspecto seja a das 70 semanas de Daniel, que, quando analisadas nos permitem obter datas muito precisas acerca das vindas do Messias. Não cabe, no entanto, no âmbito deste artigo analisar tais profecias que lidam directamente com o assunto mas sim revelar informação que na maior parte das vezes está "escondida" em textos e factos aparentemente banais à nossa frente, mas que é simbólica do plano de YHWH ("IAUE", o Deus único e verdadeiro revelado pela Bíblia) para a humanidade. Estas e outras coisas semelhantes são designadas por mistérios.

Toda a Judeia aos tempos de Herodes sabia que a vinda do Messias estava para breve. Era inevitável. Os rabis sabiam ler as Escrituras e sabiam fazer as contas aos dias indicados em profecias como a das 70 semanas. Sabiam também ler os mistérios ocultos nas Escrituras e estas coisas eram ensinadas todos os Sábados nas Sinagogas.

De tal forma eles sabiam interpretar estes sinais e profecias que eles próprios dividiram o plano de YHWH nas suas várias fases:

- "*Olam ha-zeh*" – Mundo Presente – de 1 a 60007[1] anos após a queda de Adão. Este período era, por sua vez, dividido:
-

0001 – 2000 anos → Período da Desolação (sem Tora – ou sem “Lei/Instrução” de Deus)

2000 – 4000 anos → Período da Tora e/ou da Vinda do Messias

4000 – 6000 anos → Dias do Messias e/ou Últimos Dias

- “Atid Lavo” – Época Futura – dos 6000 aos 7000 anos

Milénio (o sétimo após a queda de Adão); O Reino do Messias; período de descanso e restauração para o qual aponta o dia de Sábado.

- “Olam ha-bah” – Mundo Porvir – Eternidade (o tempo não existe)

O Messias (homem) entrega o Reino ao Pai (a YHWH); YHWH reina directamente.

É portanto, por de mais evidente, que os rabis judaicos sabiam interpretar as Escrituras e sabiam, por alturas do reinado de Herodes, que o período dos 4000 anos após a queda de Adão se estava a completar e a vinda do Messias estava eminente.

Antes propriamente de vermos alguns dos mistérios das Escrituras que nos revelam aspectos desta estrutura do plano de YHWH, convém ter presente que a linguagem é simbólica (ou seja, estamos a ir muito além do sentido literal do texto) e que, em linguagem profética, um dia pode equivaler a um ano (**Salmo 90:4; 2.Pedro 3:8**) e um ano bíblico pode equivaler a mil anos (**Isaías 61:2; Lucas 4:19**).

O 4º dia da Criação

Em **Génesis 1:14-19** vemos que é no 4º dia da criação que surgem os dois grandes luminares (o sol e a lua) para fazer separação entre a luz e as trevas.

“E Deus os pôs na expansão dos céus para iluminar a terra, 18 E para governar o dia e a noite, e para fazer separação entre a luz e as trevas; e viu Deus que era bom. E foi a tarde e a manhã, o dia quarto.” (Génesis 1:17-19)

É inevitável não fazer a ligação entre o aparecimento dos luminares ao 4º dia com o aparecimento daquele que era verdadeiramente a Luz do Mundo ao 4º milénio (1 dia ⇔ 1000 anos).

“Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarà em trevas, mas terá a luz da vida.” (João 8:12)

“Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.” (João 9:5)

“E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.” (João 1:5)

“Ali estava a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo.” (João 1:9)

O Trono de Salomão

2Crônicas 9:17-19 e **1Reis10:19** ambas descrevem o trono de Salomão. Em ambas as passagens nos é dito que 6 degraus conduzem ao trono do rei.

Ora O Rei, o verdadeiro Rei, o Messias que virá na qualidade de Rei Eterno estabelecer o seu Reino milenar, falo-á ao fim de 6000 anos.

As Bodas de Cana

De entre os quatro evangelhos do chamado "Novo Testamento", o mais rico em mistérios é precisamente o de João. Logo no início desse evangelho (capítulos 1 e 2) encontramos a descrição de um conjunto de dias que culminam com o célebre episódio das bodas de Cana.

Se nos dermos ao trabalho de contar os vários dias dessa narrativa, verificamos que os primeiros quatro dias estão descritos em **João 1:19,29,35 e 43**. Até aqui, nada a assinalar. Ao quarto dia porém, vemos o Cristo a empreender uma viagem e verificamos que ele só volta a aparecer passados 3 dias – ou seja, no 7º dia – já nas bodas.

"No dia seguinte [4ºdia] quis Jesus ir à Galileia... E, ao terceiro dia, fizeram-se umas bodas em Canaã da Galiléia; e estava ali a mãe de Jesus. E foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas." (João 1:43; 2:1-2)

Mais uma vez é quase impossível não associar isto ao facto do Messias ter estado no nosso meio no 4º milénio (1 dia ⇔ 1000 anos), ter ido para o Pai, e voltar novamente passados 3 dias (ou 3000 anos), no 7º milénio, para as Bodas.

"Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou... E disse-me: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus." (Apocalipse 19:7,9)

O Dilúvio

"E era Noé da idade de seiscentos anos, quando o dilúvio das águas veio sobre a terra." (Génesis 7:6)

O dilúvio foi nada mais, nada menos que o juízo de YHWH sobre uma humanidade rebelde e corrompida (tal como está hoje). Mais uma vez vemos o número 6 na idade de Noé que tinha 600 anos quando veio o juízo de YHWH sobre a terra.

Se virmos neste seis mais uma imagem dos 6000 anos atribuídos ao homem após a queda de Adão, facilmente conseguimos extrapolar que o juízo virá sobre a terra ao fim de 6000 anos (**Apocalipse 19**).

O Casamento de Isaac e o Nascimento de Jacob/Israel

Após o célebre episódio do quase sacrifício de Isaac no monte Moriá naquele que é talvez o mais evidente tipo do sacrifício que o Cristo viria exercer por nós, Isaac desaparece da narrativa

bíblica para só voltar a aparecer novamente aquando do seu casamento com Rebeca aos 40 anos de idade (***Génesis 25:20***).

O seu filho Jacob/Israel nasce vinte anos mais tarde quando ele tinha já 60 anos (***Génesis 25:26***).

Também aqui conseguimos ver a tipologia em que o Messias desaparece após o seu sacrifício no monte Moriá após ter estado no nosso meio no final do 4º milénio. É lícito dizer que ele veio nessa altura desposar-se com a sua noiva Israel, partiu e, à semelhança do que acontecia nos casamentos hebraicos, voltará num dia escolhido pelo pai do noivo para vir buscar a noiva, levá-la para o seu tálamo e consumir o casamento. Ele veio desposar-se no 4º milénio (os 40 anos de Isaac) e virá consumir o casamento numa altura em que, segundo as profecias, Israel, a sua noiva nascerá de novo no final do 6º milénio (os 60 anos de Isaac em que nasce Israel).

A Transfiguração

"Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte, E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz." (***Mateus 17:1-2***)

Mais uma vez o relato bíblico nos dá um pormenor que à primeira vista parece ter pouca ou nenhuma relevância. É aparentemente inconsequente para o que está a ser narrado que o episódio da transfiguração descrito neste capítulo de Mateus tenha ocorrido após 6, 10, 20 ou 30 dias do episódio anterior, mas já não é irrelevante se, ao desligarmos a sequência da narrativa do capítulo anterior, lermos que a transfiguração acontece após 6 dias (1 dia ⇔ 1000 anos) ou 6000 anos.

YHWH promete-nos que um dia também nós seremos revestidos de um corpo incorruptível de luz:

"Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos." (***1João 3:2***), transformação essa que nos é também revelada em ***Lucas 20:36***: *"Porque já não podem mais morrer; pois são iguais aos anjos, e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição".*

... e sabemos que isto acontecerá somente após 6000 anos.

Sabemos que da mesma forma que o Cristo seleccionou aqueles que subiriam com ele ao monte, também após 6 dias ou 6000 anos os escolhidos de YHWH subirão ao seu monte santo. Em linguagem profética 'monte' significa 'reino', logo temos aqui uma imagem do Reino Milenar do Cristo após 6000 anos onde ele reinará com os seus escolhidos.

Os Filhos de Jacob e Leia

Os filhos de Leia, a mulher não amada e mesmo desprezada de Jacob, têm um particular significado pois são dados por YHWH em termos de compensação pela sua falta de favoritismo junto do marido, enquanto fecha a madre a Raquel, a mulher que este amava. É de Leia que nascem, entre outros, Levi e Judá, de onde viria a nascer o Messias.

Judá, cujo nome significa 'louvor' é o 4º filho de Jacob, facto que, por esta altura já não nos deve surpreender pois o Messias nasce no final do 4º milénio da tribo de Judá.

Após o nascimento do seu 4º filho, Judá, Leia deixa de conceber durante um período de tempo. Passado este período em que as servas quer de Leia quer de Raquel geram a Jacob mais filhos, Leia volta a conceber. Quando Leia gera o seu 6º filho põe-lhe nome de Zebulon que significa 'habitar exaltadamente'.

O significado do nome do 6º filho de Leia também não nos deve surpreender pois claramente aponta para o período em que, no final do 6º milénio, habitaremos exaltadamente com o Cristo.

Mas as coisas não se ficam por aqui. Após o nascimento de Zebulon, Leia concebe novamente e desta vez tem uma filha, a sua 7ª criança, à qual põe o nome de Dina que significa 'juízo'.

Também aqui vemos a providência divina no sentido que o chamado juízo final virá após o período em que habitaremos exaltadamente com o Messias, ou seja após o milénio (**Apocalipse 20:11-15**).

A Coroação do Rei Joás

A coroação do rei Joás, que encontramos descrita em **2Reis 11:1-16** e em **2Crónicas 22:10 – 23:21**, é também um episódio repleto de significado.

Num breve sumário a história pode resumir-se a que Ataliá, a mãe idólatra do rei Acázias de Judá assassinou os seus próprios netos, filhos do rei para assumir ela o poder sobre Judá assim que soube da morte do seu filho. Um dos filhos do rei – Joás – foi, no entanto poupado porque Jeoseba, meia irmã de Acázias e mulher do Sumo Sacerdote Joiada o escondeu no Templo.

A parte que nos interessa particularmente é a seguinte:

*"E esteve com ela escondido na casa de YHWH seis anos; e Atalia reinava sobre o país. 4 E no sétimo ano enviou Joiada, e tomou os centuriões, com os capitães, e com os da guarda, e os colocou consigo na casa de YHWH; e fez com eles uma aliança e ajuramentou-os na casa de YHWH; e mostrou-lhes o filho do rei...Então Joiada fez sair o filho do rei, e lhe pôs a coroa, e lhe deu o testemunho; e o fizeram rei, e o ungiram, e bateram as palmas, e disseram: Viva o rei!" (**2Reis 11:3-4,12**)*

É de notar que o legítimo rei de Judá esteve escondido, oculto da vista do povo durante 6 anos no Templo, na casa de YHWH, e que, findos esses 6 anos, ou seja, ao 7º ano foi revelado ao povo, ungido e coroado rei.

Mais uma vez vemos aqui uma imagem bastante fiel do Messias, o verdadeiro Rei de todo o Israel que, na qualidade de Rei estará oculto até ao final do 6º milénio na casa de seu Pai e será ungido e coroado Rei no 7º milénio.

É ainda de salientar que quando o rei Joás é revelado, Atalia, a usurpadora do trono, é morta e o seu falso sistema religioso destruído.

"E lançaram mão dela; e ela foi, pelo caminho da entrada dos cavalos, à casa do rei, e ali a mataram. 17 E Joiada fez uma aliança entre YHWH e o rei e o povo, para que fosse o povo de YHWH; como também entre o rei e o povo. Então todo o povo da terra entrou na casa de Baal, e a derrubaram, como também os seus altares, e as suas imagens, totalmente quebraram, e a Matã, sacerdote de Baal, mataram diante dos altares." (**2Reis 11:16-18**)

Comparemos isto com as inúmeras profecias que existem acerca do que acontecerá finalmente aos ídolos e falsos profetas e mesmo à besta e ao falso profeta que serão de todo aniquilados no grande e terrível dia da segunda vinda do Cristo, e facilmente vemos nesta história do rei Joás um tipo bastante evidente da vinda do Rei dos reis.

A união das duas casas de Israel

Atentemos ainda para outra profecia cheia de significado para o fim do 6º milénio. Ficou já demonstrado que o Cristo viria na Sua primeira missão no início do 4º milénio e que Ele estaria ausente durante 2.000 anos, após o que virá com poder e grande glória para reinar sobre todas as nações da terra, ocasião em que unirá as duas casas de Israel e as duas varas serão uma só na Sua mão. Porém, não é este aspecto que queremos aqui salientar, senão a profecia que se encontra em **Oséias 6:2**.

"Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele". (**Oséias 6:2-3**)

Estes "dois dias" correspondem aos 2.000 anos que medeiam entre a Sua primeira vinda e a segunda, altura em que remirá a Israel de YHWH. A Sua vinda ocorre após esses 2 dias (2000 anos), ou seja, ocorre já no 3º dia o que é o mesmo que dizer, no 7º milénio.

O Alef e o Tav

Guardámos o melhor para o fim...

Certa vez ouvi alguém dizer que quem não sabe pregar o evangelho a partir de Génesis, não conhece verdadeiramente a Palavra de Deus. Apesar dessa pessoa não se estar então a referir à passagem que aqui vamos analisar, a sua afirmação também se lhe aplica. Por outro lado, se João 3:16 é chamado por muitos o "Pequeno Evangelho", também não é menos verdade que o mesmo título ou outro semelhante se pode aplicar à passagem que aqui vamos analisar:

"No princípio criou Deus os céus e a terra." (**Génesis 1:1**)

Se por esta altura estão espantados, é compreensível. O que é que esta passagem tem de extraordinário que nos leve a compará-la a **João 3:16**, por exemplo?

Génesis 1:1 lê da seguinte forma em Hebraico:

Bereshit bara Elohim et ha 'Shamayim w'et ha'Eretz

Coloquemos os dois textos lado a lado numa tabela:

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

<i>Bereshit</i>	<i>bara</i>	<i>Elohim</i>	[et]	<i>Ha 'Shamayim</i>	[w'et]	<i>ha'Eretz</i>
No princípio de	criou	Elohim (o Todo-Poderoso)		Os céus		a terra

A palavra "et" é composta pela primeira letra do alfabeto hebraico – Alef – e pela última letra do alfabeto hebraico – Tav.

Esta pequena palavra – "et" – tem uma função meramente gramatical na língua hebraica e não é traduzível para qualquer outra língua, razão pela qual se torna perfeitamente invisível em qualquer tradução. É no entanto sobejamente conhecido entre os rabinos judaicos de todos os tempos que esta pequena e aparentemente insignificante palavra é um poderoso símbolo do Messias e de YHWH.

Note-se que enquanto a 4ª palavra é "et", a 6ª é uma variante de "et" – "w'et" – que tem um prefixo composto por um 'Vav'. O 'Vav' é a 6ª letra do alfabeto hebraico e representa o homem que foi criado ao 6º dia.

Voltaremos a isto mais adiante mas, por ora, importa fazer um pequeno parêntesis para analisar uma outra passagem onde "et" também aparece.

"... Olharão para mim [et], a quem trespassaram; e pranteá-lo-ão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigénito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogénito." (Zacarias 12:10)

O próprio Cristo em **Mateus 24:30** afirma que todos lamentarão quando o virem regressar. Isto significa que o próprio Cristo se identifica como o cumprimento da profecia de Zacarias acima transcrita.

Adicionalmente, em Apocalipse, é o próprio Cristo que parafraseia Zacarias nas seguintes passagens deixando-nos ver claramente que o "et" se Lhe aplica:

"Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o trespassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém. Eu sou o Alfa e o Omega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso." (Apocalipse 1:7-8)

"Que dizia: Eu sou o Alfa e o Omega, o primeiro e o derradeiro..." (Apocalipse 1:11)

Como é evidente estas palavras não terão sido proferidas em grego mas sim em aramaico, a língua quer de João quer do Cristo. Somente mais tarde quando as palavras foram traduzidas para grego é que o Alef e o Tav foram transliterados para Alfa e Ómega, as letras que lhes correspondem no alfabeto grego.

Em Apocalipse, João não só transcreve quase literalmente a profecia de Zacarias como o próprio Cristo quando fala se identifica como o "et" de Quem essa profecia fala.

Mas voltemos então a Génesis 1:1.

Primeiro que tudo, note-se que a frase é composta por 7 palavras.

1	2	3	4	5	6	7
<i>Bereshit</i>	<i>bara</i>	<i>Elohim</i>	[et]	<i>ha 'Shamayim</i>	[w'et]	<i>ha'Eretz</i>
No princípio de	criou	Elohim (o Todo-Poderoso)		Os céus		a terra

"Et" – 4ª palavra

"w'Et" – 6ª palavra

A ordem das palavras é interessantíssima. O Messias – "Et" – virá duas vezes. A primeira no final do 4º milénio e a segunda no final do 6º milénio. Após a sua primeira vinda, subirá aos céus – "*ha'Shamayim*", a 5ª palavra – e, no final do 6º milénio, o homem ("w") que é o Messias ("et") voltará à terra – "*ha'Eretz*", a sétima palavra.

Conforme podemos ver, uma frase que à partida pode parecer desprovida de qualquer sentido profético constitui talvez uma das maiores profecias de toda a Palavra de YHWH pois abrange numa só frase todo o Seu plano.

[1] Os 6000 anos indicados nas Sagradas Escrituras referem-se aos anos contados desde a queda de Adão. Isto em nada contradiz o que a ciência actual nos revela quanto aos milhões de anos de idade da Terra. As próprias Escrituras sugerem que assim seja e que tenha havido criações anteriores, algo que está fora do âmbito deste artigo analisar.



Paulo Coelho

O início das aulas e o uso de mochilas

O uso de mochilas de forma inadequada ou com peso excessivo é uma das causas principais de dores na coluna em crianças e adolescentes e pode levar a posições viciosas da coluna vertebral, as quais poderão ter consequências para a saúde do esqueleto do ou da jovem.

Não nos podemos esquecer que o esqueleto das crianças e adolescentes está em crescimento, por vezes de forma rápida, como é o caso da altura da puberdade. Qualquer força deformante exercida numa coluna vertebral mais susceptível, devido a esse processo natural de crescimento, poderá ter consequências mais graves, do que se passaria num esqueleto já adulto.

Apesar de não haver total evidência sobre esta questão, alguns especialistas e investigadores desta temática, apontam para um peso que não deve ultrapassar o valor de 10% do peso da criança. Este valor deve também levar em conta outras condicionantes, como seja o grau de maturidade e de desenvolvimento muscular da criança. Por exemplo, os rapazes com mais frequência têm um desenvolvimento muscular superior, pelo que poderão suportar um peso maior, comparando com uma rapariga do mesmo peso.

Uma forma de avaliar se existe um peso excessivo é analisar a postura da criança enquanto carrega a mochila. Se o peso for excessivo, existe uma inclinação dos ombros com o tronco projectado para a frente.

As mochilas de rodas são preferíveis, mas estas devem ser transportadas e levantadas sempre com posturas equilibradas.

No entanto, no caso de uso das mochilas de “trazer às costas” deve ter-se em conta várias particularidades. Estas não devem ultrapassar a cintura da criança e devem adaptar-se bem às costas da mesma. As alças (largas e com material amortecedor) devem ajustar-se a o corpo, passando a nível dos ombros. De preferência, e de forma a permitir uma estabilidade maior, deve também existir um cinto a passar pela altura da barriga da criança. Nunca deve ser usada apenas uma alça para transportar a mochila, pois tal vai provocar um desvio lateral da coluna

Vários estudos apontam os desequilíbrios no transporte de material pelas crianças, como uma das principais causas de dores na coluna para este escalão etário.

Como principais e mais frequentes problemas podem surgir:

- **Escoliose:** desvio lateral da coluna, deixando em parte dos seus segmentos, de estar centrada com o eixo do corpo. Podem ser só funcionais ou redutíveis, no entanto, podem posteriormente evoluir para alterações da estrutura da coluna tornando-se persistentes eventualmente progressivos.
- **Hiperlordose:** a curvatura normal da coluna lombar torna-se mais pronunciada, levando também a alterações da estabilidade da bacia.

- **Hipercifose:** a criança parece "amarrecada", com a sua coluna dorsal inclinando-se para a frente.
- **Contracturas Musculares:** o conjunto de músculos que envolve a coluna vertebral começa a sofrer se existir uma postura anormal. Os músculos podem contrair-se com facilidade e originarem dores locais, por vezes bastante incapacitantes.
- **Hérnias discais e eventual compromisso neurológico:** posições viciosas mantidas ou movimentos não equilibrados bruscos, podem levar ao aparecimento de hérnias discais (bombeamento dos discos que estão entre as vértebras da coluna). Em casos mais graves, pode haver compressão de um nervo medular ou da própria medula.

A vigilância (regular) por parte dos pais em relação ao material que os filhos levam nas mochilas, ao peso total das mesmas, à sua colocação no corpo da criança, é essencial. Por vezes, as crianças tendem a levar mais do que o necessário para um dia específico.

A escolha de uma boa mochila, adequada à altura e maturidade do esqueleto da criança é importante. A utilização de depósitos de material na escola, onde a criança possa colocar material escolar, para não ter necessidade de o deslocar entre a casa e o centro educativo seria também uma medida adequada.

Não esquecer também a observação da coluna da criança em pé, nas várias posições, para detectar precocemente desvios do eixo da coluna, ou eventuais assimetrias do comprimento dos membros, as quais devem ser avaliadas com atenção, dado o risco de poderem evoluir num esqueleto em rápido crescimento. Outro aspecto importante seria a existência de programas práticos de educação, na própria escola, por exemplo, ou de folhetos exemplificativos das melhores maneiras de abordar esta problemática.